

O HOMEM PARA ALÉM DE SEU INTELECTO: UM DIÁLOGO ENTRE FREUD E NIETZSCHE

Marcos Vitor Costa Castelhana 1*
Mychaell Douglas de França Sousa 2*
Délis Sousa Benevides 3*
Vinicius Silveira Leite 4*
Maria das Neves Severo de Lira 5*
Gerlane Costa dos Santos 6*

Resumo: A razão é considerada uma das principais faculdades do ser humano, uma vez que possibilita a visualização de seu mundo sob uma ótica mais ampla, nos diferenciando dos demais animais. Todavia, com o passar dos séculos, o movimento de caráter racionalista começa a perder força no contexto ocidental, abrindo espaço para novas escolas do pensamento, que tencionam a contemplação dos indivíduos para além da premissa da razão. Freud (1977; 1990) e Nietzsche (1992), por sua vez, entendem o ser humano numa perspectiva que vai além da primazia da razão, isto é, levam em conta outros processos capazes de atuarem importantemente no processo de constituição do sujeito. Freud, levando em consideração os aspectos inconscientes do psiquismo, afirma que os sujeitos possuem necessidades de caráter pulsional responsáveis por motivar os comportamentos humanos. Nesse sentido, o ego, instância da segunda tópica e regido pelo princípio da realidade, atuaria no manejo dessas pulsões levando em conta as demandas impostas pelo ambiente, isto é, interditando os desejos irrefreáveis inerentes do sujeito até certo ponto devido à incapacidade de total satisfação diante do ambiente civilizado e regido por regras. Nietzsche, por sua vez, exprime a existência de duas forças que guiam o espírito humano. A primeira instância é representada pelas especificidades apolíneas do ser, que se relaciona com as predisposições do intelecto e sua racionalidade. Já o segundo conceito se pautaria no domínio dionisíaco, ou seja, na afirmação daquilo que é mais natural no homem. Assim, Nietzsche afirma que, no Período Arcaico, esses dois impulsos se encontravam em harmonia no ser humano, porém, com o advento do Período Socrático, a instância racional ganhou uma posição magnânima, no qual tudo aquilo que divergisse da categorização racional deveria ser reprimido e domado. Nesse sentido, o teórico propõe a necessidade de ir de encontro com os ideais expressos pelas doutrinas e perspectivas que dominam o pensamento humano; não se deve impor virtudes pré-formadas para os sujeitos, visto que a melhor das virtudes é aquela construída a partir de si mesmo, revelando que os valores devem seguir um caminho que permeie um aspecto superior, indo além do bem e do mal. Repara-se que ambos os autores, por via de

1 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: castelhanophilospsi@outlook.com

* 2 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: maicon.douglas.net@hotmail.com

* 3 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: delissousa@hotmail.com

* 4 Graduando do curso de psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP). E-mail: viniciussl.psi@gmail.com

*5 Graduando do curso de Psicologia do Centro Universitário de Patos (UNIFIP)
E-mail: mariadasneves23@gmail.com

*6 Psicóloga Atuante. Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Especialista em Saúde Mental (Facisa) e em Saúde Coletiva (Uninter). Mestranda em Ciências da Educação (FACSU). Doutoranda pela Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales (UCES). Email: gerlanepsic12@hotmail.com

metodologias diferentes, atingem conclusões semelhantes sobre determinadas temáticas, sobretudo ao que se refere aos limites do intelecto e os demais fatores que compõe a condição do ser enquanto ser.

Palavras-chave: Intelecto. Freud. Nietzsche

Abstract: The reason is considered one of the main faculties of the human being, since it allows the visualization of his world from a broader perspective, differing us from other animals. However, over the centuries, the rationalist movement has begun to lose strength in the Western context, opening space for new schools of thought, which intend the contemplation of individuals beyond the premise of reason. Freud (1977; 1990) and Nietzsche (1992), in turn, understand the human being in a perspective that goes beyond the primacy of reason, that is, they take into account other processes capable of playing an important role in the process of constituting the subject. Freud, taking into account the unconscious aspects of the psyche, affirms that the subjects have drive needs responsible for motivating human behaviors. In this sense, the ego, instance of the second topic and governed by the principle of reality, would act in the management of these drives taking into account the demands imposed by the environment, that is, interdicting the subject's inherent irrepressible desires to a certain extent due to the inability to fully satisfy of them in a civilized and rule-governed environment. Nietzsche, for once, expresses the existence of two forces that guide the human spirit. The first instance is represented by the Apollonian specificities of being, which is related to the predispositions of the intellect and its rationality. The second concept, on the other hand, would be based on the Dionysian domain, that is, on the affirmation of what is more natural in man. Thus, Nietzsche affirms that, in the Archaic Period, these two impulses were in harmony in the human being, however, with the advent of the Socratic Period, the rational instance gained a magnanimous position, in which everything that diverged from the rational categorization should be repressed. and tamed. In this sense, the theorist proposes the need to meet the ideals expressed by the doctrines and perspectives that dominate human thought; it is not necessary to impose preformed virtues on subjects, since the best virtue is the one built out of itself, revealing that values must follow a path that permeates a superior aspect, going beyond good and evil. It is noticed that both authors, through different methodologies, reach similar conclusions on certain themes, especially with regard to the limits of the intellect and the other factors that make up the condition of being as a being.

Keywords: Intellect. Freud. Nietzsche.

Introdução

A razão é considerada uma das principais faculdades do ser humano, uma vez que possibilita a visualização de seu mundo sob uma ótica mais ampla, nos diferindo dos demais animais (COTRIM, 2007; COTRIM e FERNANDES, 2011; AMORIM, 2016), tanto, que autores como Platão (1986; 2002) e Descartes (2000) consideram o meio racional a melhor forma de edificar a compreensão de si e da verdade.

Todavia, com o passar dos séculos, o movimento de caráter racionalista começa a perder força no contexto ocidental, abrindo espaço para novas escolas do pensamento que tencionam a contemplação dos indivíduos para além da premissa da razão (Amorim, 2016), tendo entre seus expoentes Freud (1977; 1990) e Nietzsche (1992), que elencam o ser humano, indo além do intelecto para a construção e atuação de sua condição, existindo outros elementos que influiriam nas atividades e produtos intrincados em sua natureza, embora não desconsiderando a relevância dos aspectos racionais.

Para esse estudo, buscaram-se obras dos autores que dialogassem com a temática proposta, entre elas: O Nascimento da Tragédia (1992), Psicologia das Massas e a Análise do Eu (1990), Mal-estar na Civilização (1996a), Crepúsculo dos Ídolos (2001), entre outras. Além disso, explanaram-se postulados e artigos que coadunassem com a elaboração contextual encontrados nas plataformas digitais do Google Acadêmico, Scielo e PePSIC.

Portanto, através das óticas de Freud e Nietzsche, o estudo apresentado objetiva refletir sobre os elementos que instilariam as atividades dos sujeitos, indo além da disposição do intelecto.

Desenvolvimento

1- Aspectos psicanalíticos sobre a constituição do homem

A Psicanálise é considerada uma doutrina científica que apresenta um panorama estrutural, tendo como objeto de estudo o inconsciente e suas manifestações intrínsecas (HERMANN, 1983; REIS, MAGALHÃES e GONÇALVES, 1984; TEIXEIRA, BOCK e FURTADO, 1999; DAVIDOFF, 2001; DOS SANTOS, 2014;). Segundo Almeida (1988), as teorias e técnicas psicanalíticas foram submetidas por modificações necessárias para a sua elaboração teórico-prática. Pensando nisso, para o autor, o inconsciente é caracterizado como uma região hipotética, onde são armazenados os conteúdos que foram recalçados da consciência e todos os demais fatores que nunca adentraram tal sistema (BRAGHOLLI, 2010). As manifestações inconscientes se direcionariam por suas próprias leis de funcionamento: seus conteúdos seriam atemporais e não se pautariam pela lógica dos processos secundários (FADIMAN E FRAGER, 1986).

Dessa forma, o teórico menciona que existiriam fatores de caráter pulsional que tencionariam os comportamentos e as atitudes dos sujeitos, levantando à hipótese do

determinismo psíquico (FADIMAN e FRAGER, 1986). Nessa dinâmica, o ego, instância guiada pelo princípio da realidade, seria o mediador entre as exigências apresentadas pelo id e as imposições do real, elucidando os conflitos que ultrapassam as predisposições do intelecto (FEIST e FEIST, 2008).

Ainda nesse raciocínio, Laplanche e Pontalis (1996) afirmam que a pulsão é considerada um dos conceitos essenciais para a compreensão das terminologias freudianas. Garcia-Roza (1996) também comenta que a pulsão representaria a fronteira entre o psíquico e o somático, não se limitando a um objeto ou comportamento pré-determinado.

Para entender melhor o funcionamento das noções pulsionais, Fadiman e Frager (1986) mencionam que a pulsão teria quatro características particulares:

Tabela 1: As características da pulsão

Fonte	Ela tem sua origem a partir dos processos orgânicos e internos.
Finalidade	Seu objetivo é caracterizado pela busca da satisfação, em outras palavras, a descarga da libido no aparelho psíquico.
Pressão	Quantidade de energia libidinal utilizada em um determinado processo.
Objeto	O elemento que possibilita o impulso de atingir sua finalidade.

Fonte: Afirmativas expressas por Fadiman e Frager (1986).

Percebe-se que os impulsos pulsionais são versáteis, destoando-se do aspecto pré-determinado do instinto e de seus fatores relacionados, uma vez que não apresenta um objeto específico para atingir sua finalidade particular, englobando os afetos e os representantes ideativos (LAPLANCHE e PONTALIS, 1996).

Não obstante, Freud (1996b), ao elaborar a segunda tópica, afirma que existe uma categoria pulsional que diverge do objetivo definido anteriormente, isto é, os impulsos passam a ser divididos em duas extensões: a pulsão de vida e a pulsão de morte. A primeira categoria se relaciona com a busca da conservação e formação de unidades

maiores em seus arredores em potencial (SCHULTZ e SCHULTZ, 2002), enquanto a segunda denominação está voltada à compulsão a repetição e os caracteres agressivos que fomentam o aparelho psíquico (KUSNETZOFF, 1986; HALL, LINDSEY e CAMPBELL, 2000; GUTIÉRREZ-TERRAZAS, 2002; RUDGE, 2006).

Levando em consideração o referencial supracitado, revela-se que na teoria freudiana existiriam elementos que divergem da ênfase racional e/ou instintual, na medida que a pulsão integraria os processos somáticos e psíquicos perante o desenvolvimento psicosssexual e estrutural dos indivíduos.

2- Os argumentos nietzscheanos em face da edificação do ser

Quando contemplado o homem em Nietzsche (1992), exprime-se a existência de duas forças que guiam o espírito humano. A primeira instância é representada pelas especificidades apolíneas do ser, que se relaciona com as predisposições do intelecto e sua racionalidade. Já o segundo conceito se pautaria no domínio dionisíaco, ou seja, na afirmação daquilo que é mais natural no homem (AMORIM, 2016).

Nietzsche (1992) comenta que, no Período Arcaico, esses dois impulsos se encontravam em harmonia no ser humano, conquanto, com o advento do Período Socrático, a instância racional ganhou uma posição magnânima, no qual tudo aquilo que divergisse da categorização racional deveria ser reprimido e domado.

Todavia, tal acontecimento não marca o ápice da mudança teleológica, visto que foi através da ascensão dos valores dos sacerdotes que os sujeitos, de fato, começaram a buscar por uma inversão valorativa, indo de encontro com as diretrizes dos nobres (NIETZSCHE, 1999).

Destarte, o filósofo tece o princípio de que a moral judaico-cristão instituída vai de encontro com os melhores homens, pois se baseia em valores que ridicularizam os segmentos nobres dos períodos antigos, elaborando uma moral de escravos, em que as características relacionadas a astúcia, liderança e crítica passam a ser rechaçadas, enquanto a tipologia dos escravos deve ser seguida pelos indivíduos, variando o espaço para outras terminologias, a exemplo da moral de rebanho (AMORIM, 2016).

Nesse sentido, o teórico pressupõe que deve-se ir de encontro com os ideais expressos pelas doutrinas e perspectivas que dominam o pensamento humano, tendo em vista a estagnação do mesmo em suas próprias óticas (NIETZSCHE, 2001; BITTAR, 2003; NIETZSCHE, 2004; NIETZSCHE, 2007; ARALDI, 2008; CAMARGO, 2010),

ênfatizando, a importância do ressentimento para a compreensão do sujeito em seus vários espectros (FERRAZ, 1999; TREVISAN, 2005; MOREIRA, 2010; PASCHOAL, 2011; PASCHOAL, 2012; FARIAS, 2013; BITTENCOURT, 2016; PASCHOAL, 2016; REGINSTER, 2016; ARRUDA, 2017; PONDE, 2019).

Então, para que surja o espírito livre, faz-se necessário romper com o idealismo que cerca os seres em suas idiossincrasias, atingindo algo mais profundo em face das doutrinas que são impostas aos homens (NIETZSCHE, 2000). Logo, não se deveria impor virtudes pré-formadas para os sujeitos, visto que a melhor das virtudes é aquela construída a partir de si mesmo (NIETZSCHE, 2003) revelando que os valores devem seguir um caminho que permeie um aspecto superior, indo além do bem e do mal (NIETZSCHE, 2002; GORI e STELLINO, 2014).

Para o filósofo, a resposta para todas as coisas, em sua cosmovisão existencial, voltaria-se a ideia do *Amor Fati*, no caso, o amor ao destino ou amor pelo destino. Este princípio marca a importância do amor de todos elementos que formam a existência, superando a mera conformação ou aceitação das contingências que abarcam o indivíduo (NIETZSCHE, 2006; RUBIRA, 2006;). No sentido da temática, percebe-se que o sujeito, em sua existência, desviaria-se do planejamento sistemático, atingindo os argumentos que englobam a afirmação de vida.

Sendo assim, Nietzsche, por via de seu Método Genealógico, buscou adentrar as raízes históricas do pensamento e da linguagem humana para compreender os elementos que constituíram a civilização ocidental (PASCHOAL, 2000; AZAMBUJA, 2013). A partir disso, o autor desvela a supremacia da racionalidade, reiterando o pressuposto de que coexistiram impulsos que direcionariam a vontade de poder.

3- As interfaces do limite do intelecto: um diálogo conciso entre os dois pensadores

Como mencionado, tanto Freud, como Nietzsche, apresentam outros fatores que influenciam o ser humano em seu desenvolvimento e atividade, constatando que o homem, em suas várias faces, distancia-se da unilateralidade racional. Com isso, enquanto o primeiro consideraria a atividade inconsciente, o segundo se pautaria na afirmação de vida concedida diante da realidade dionisíaca.

Entretanto, mesmo que o indivíduo seja dotado de outros fatores que ultrapassem o limite da razão, tal elemento ainda teria demasiada importância para o sujeito, em

virtude de sua participação constituinte. Freud (2012), ao elencar o mal-estar ocasionado pelo conflito entre as exigências sociais e as pulsões presentes na construção cultural, comenta que a expressão dialética pode ser lidada com eficácia em meio de estratégias contextuais, posto que o ego poderia utilizar dos mecanismos de defesa para mediar as imposições da realidade e a dinâmica pulsional (MEDNICOFF, 2015). A sublimação que é considerada uma forma de lidar com as movimentações pulsionais, inclusive as de caráter agressivo, por meio de atividades socialmente aceitas (ROUDINESCO, 1944; ZIMERMAN, 2004; BIRMAN, 2009). Isto significa que, mediante dos processos imaginéticos e racionais, o sujeito poderia desenvolver formas culturalmente valorizadas para dirigir suas noções pulsionais, representando uma tarefa conjunta entre o intelecto e as características do inconsciente.

Em Nietzsche (1992), existiria um raciocínio semelhante, dado que o ser humano seria formado por duas instâncias: a apolínea e a dionisíaca. Nesse sentido, mesmo que a afirmação de vida seja buscada para a chegada do Além-do-homem, ainda assim os aspectos racionais continuariam fazendo parte da constituição humana, devendo coexistir uma harmonia entre tais forças.

Em virtude disto, as teses elaboradas por Freud (1996a) e Nietzsche (2001) divergem dos paradigmas pregados por inúmeros teóricos ao longo da história das doutrinas do pensamento filosófico, a título de exemplo: Berkeley (1973), Aristóteles (1979; 2007;), Hobbes (1983), Platão (1986), Bacon (1999), Hegel (2001), Kant (2001), Campanella (2004), Locke (2004), More (2005), Rousseau (2008), entre outros.

Por fim, repara-se que ambos os autores, por via de metodologias diferentes, atingem conclusões semelhantes sobre determinadas temáticas, sobretudo ao que se refere aos limites do intelecto e os demais fatores que compõe a condição do ser enquanto ser.

Considerações Finais

O estudo apresentado visou elaborar um diálogo entre as perspectivas de Freud e Nietzsche diante dos limites da razão no ser humano, possibilitando uma discussão metateórica. Além disso, um dos objetivos centrais dessa construção se voltaria a potência do aprofundamento de outros pesquisadores ante a construção relacional por via de ambos os teóricos, destrinchando a condição e a natureza humana em suas entrelinhas detalhadas.

Referências

ALMEIDA, R. **O Silêncio é de Ouro: Princípios da Técnica Psicanalítica**. João Pessoa: Editora Universitária da Universidade Federal da Paraíba, 1988.

AMORIM, Richard. **Filosofia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bernoulli, 2016.

ARALDI, Clademir Luís. **Nietzsche como crítico da moral**. Revista Dissertatio de Filosofia, v. 28, p. 33-51, 2008.

ARISTÓTELES, **Ética a Nicômaco**. In: **Os Pensadores vol.II**. Trad. Leonel Vallandro & Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross. São Paulo. Abril Cultural, 1979.

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo, SP: Martin Claret, 2007.

ARRUDA, Ana Luiza Gardiman. **A pena e a moral do ressentimento em Nietzsche**. Revista Pensamento Jurídico, v. 10, n. 2, 2017.

AZAMBUJA, Celso Candido. **Introdução ao método genealógico de Nietzsche**. ethic@-An international Journal for Moral Philosophy, v. 12, n. 1, p. 127-142, 2013.

BACON, F. **Nova Atlântida**. São Paulo: Nova Cultural, 1999 (Col. Os Pensadores).

BERKELEY, George. **Tratado Sobre os Princípios do Conhecimento Humano & Três Diálogos entre Hylas e Filonous em Oposição aos Céuticos e Ateus**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores vol. XXIII).

BIRMAN, Joel. **Criatividade e sublimação em psicanálise**. Psicologia clínica, v. 20, n. 1, p. 11-26, 2008.

BITTENCOURT, Renato Nunes. **O ressentimento como problema fundamental em Nietzsche**. TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência, v. 9, n. 1, 2016.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. **Nietzsche: niilismo e genealogia moral**. Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, v. 98, p. 477-501, 2003.

BRAGHIROLI, Elaine Maria. **Psicologia Geral**. 2. ed. Porto Alegre: Vozes, 2010.

CAMARGO, Gustavo Arantes. **Sobre o conceito de verdade em Nietzsche**.

CAMPANELLA, Tommaso. **A Cidade do Sol**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

COTRIM, G.; FERNANDES, M. **Filosofar**. 1. ed. Rio de Janeiro: Saraiva, 2011.

COTRIM, G. **Fundamentos da filosofia: história e grandes temas**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2007

DAVIDOFF, Linda. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001.

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DOS SANTOS, Moisés. **Introdução a teoria Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Juruá, 2014.

FADIMAN, James; FAGNER, Robert. **Teorias da Personalidade**. 1. ed. São Paulo: Harbra, 1986.

FARIAS, Ícaro Souza. **Memória, culpa e ressentimento em Nietzsche**. Revista Húmus, v. 3, n. 7, 2013.

FEIST, Jess; FEIST, Gregory. **Teorias da Personalidade**. 1. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2008.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Nietzsche**. Cadernos Nietzsche, n. 7, p. 27-40, 1999.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do ego**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, S. (1930). **O mal estar na cultura**. Tradução de Renato Zwick. Porto ALEGRE, RS: L&PM, 2012.

FREUD, S. In: FREUD, S. **Um Estudo Autobiográfico, Inibição, Sintoma e Angústia, Análise Leiga e outros trabalhos**. ESB Vol XX. Rio de Janeiro: Imago, 1977, pp. 107-201.

GORI, Pietro; STELLINO, Paolo. **O perspectivismo moral nietzschiano**. Cadernos Nietzsche, v. 1, n. 34, p. 101-129, 2014.

GUTIÉRREZ-TERRAZAS, José. **O conceito de pulsão de morte na obra de Freud**. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 5, n. 1, p. 91-100, 2002.

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL, John B. **Teorias da personalidade**. Artmed Editora, 2000.

HEGEL, G.W.F. **“A Razão na História: Uma Introdução Geral à Filosofia da História”**. Introdução de HARTMAN, Robert S.; Centauro Ed. SP, 2001.

HERMANN, Fábio A. **O homem psicanalítico: identidade e crença**. Revista Brasileira de Psicanálise, 1983.

HOBBS, Thomas. **Leviatã. Matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. (Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva). 3. ed. São Paulo: AbrilCultural, 1983. Col. Os Pensadores.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 5a Edição. Trad.: Manuela Pinto e Alexandre Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KUSNETZOFF, Juan Carlos. **Introdução à psicopatologia psicanalítica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LOCKE, John. Segundo. **Tratado sobre o Governo. In: Os pensadores**. Trad. Anoar Aiex e E. Jacy Monteiro. 2º Ed. São Paulo: Abril Cultural: 2004.

MEDNICOFF, Elizabeth. **Dossiê Freud**. 7. ed. São Paulo: Universo dos Livros, 2015.

MORE, Thomas. **A Utopia**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2005
livres. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MOREIRA, Antônio Rogério da Silva. **Nietzsche: o ressentimento e a transmutação escrava da moral**. 2010.

NIETZSCHE, Fredrich. **Além do Bem e do Mal** (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2ª ed. 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003. (Coleção A obra-prima de cada autor, v. 22).

NIETZSCHE, Frederich. **Aurora**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo do Ídolos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

NIETZSCHE, Fredrich. **Ecce Homo**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2006

NIETZSCHE, Fredrich. **Genealogia da Moral** (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

NIETZSCHE, Fredrich. **Humano Demasiado Humano** (tradução de Paulo Cezar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio**. Editora Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Fredrich. **O Nascimento da Tragédia** (tradução de J. Guinsburg); São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **Da polissemia dos conceitos “ressentimento” e “má consciência”**. Revista de Filosofia Aurora, v. 23, n. 32, p. 201-221, 2012.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **Nietzsche e Dühring: ressentimento, vingança e justiça**. Revista Dissertatio de Filosofia, v. 33, p. 147-172, 2011.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **O procedimento genealógico de Nietzsche**. Revista Diálogo Educacional, v. 1, n. 2, p. 1-170, 2000.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **O ressentimento como inibição da ação, reação e ação na filosofia de Nietzsche**. Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea, v. 4, p. 34-43, 2016.

PLATÃO. **A República**. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002. Tradução de Enrico Corvisieri.

PLATÃO. **Timeu**. Tradução C. A. Nunes. Belém: Ed. Universidade Federal do Pará, 1986.

PONDÉ, Luiz Felipe. **A era do ressentimento**. Globo Livros, 2019.

REGINSTER, Bernard. **Ressentimento, poder e valor**. Cadernos Nietzsche, v. 37, n. 1, p. 44-70, 2016.

REIS, Alberto; MAGALHÃES, Lúcia Maria Azevedo; GONÇALVES, Waldir Loureço. **Teorias da personalidade em Freud, Reich e Jung**. In: Teorias da personalidade em Freud, Reich e Jung. 1984. p. 167-167.

ROUDINESCO, E. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1944.

ROUSSEAU, Jean Jacques – **Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens / Jean Jacques Rousseau**; [introdução de João Carlos Brum Torres]; tradução de Paulo Neves. – Porto Alegre, RS : L&PM, 2008.

ROZA, Luiz Alfredo Garcia. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

RUBIRA, Luís. **O amor fati em Nietzsche: condição necessária para a transvaloração?**. Polymatheia–Revista de Filosofia. Fortaleza, v. 4, n. 6, p. 227-236, 2008.

RUDGE, Ana Maria. **Pulsão de morte como efeito de supereu**. Ágora: Estudos em teoria psicanalítica, v. 9, n. 1, p. 79-89, 2006.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sidney Ellen. **Teorias da Personalidade**. 9. ed. São Paulo: Thomson, 2002.

TEIXEIRA, M.; BOCK, Ana Maria; FURTADO, O.. **Psicologias**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência, v. 1, n. 2, 2010.

TREVISAN, J. F. **Nietzsche e o ressentimento: um estudo em Psicologia Social**. 2005. 2005. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado) __Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos Psicanalíticos**. São Paulo: Artmed, 2004.

